A educação que molda o ser que moldaram o mundo | João Victor Araújo

Naquela sala de aula, onde um mapa-múndi dominava metade da parede, o professor de Geografia, Enrico, traçava com giz colorido rotas imaginárias que conectavam continentes, oceanos e culturas. Cada linha desenhada era uma ponte entre a realidade e o mundo exterior; cada ligação entre países e continentes revelava um novo universo em expansão. Múltiplas realidades, diversas formas e uma variedade de aromas que costumavam encantar os alunos, que saíam da aula maravilhados.

O ano era 1928, em uma cidade fria do nordeste da Itália, onde o calor do fogo lutava para aquecer o pequeno espaço que se transformaria em sala de aula. Apesar das dificuldades impostas por uma realidade áspera, Teosene, uma jovem doce, se encantava pela geografia, vendo nela uma maneira de explorar o mundo sem sair das quatro paredes da sala. Assim começava uma jornada sem sair do lugar, com a mente vagando sobre montanhas, navegando por rios caudalosos e mergulhando nas profundezas dos oceanos. A educação geográfica era o bilhete de entrada para desbravar o desconhecido, entender as diferenças e descobrir as semelhanças. Teosene não se cansava de questionar o professor sobre o mundo: "Professor Enrico, por que aqui é tão frio e quase não há árvores? Não gosto do frio", perguntava a jovem. "Veja, estamos em um local muito alto, no meio de uma grande montanha, cercada de neve. Em lugares elevados, o frio é comum", respondia o professor. Mesmo exausto por seu trabalho, o professor percebia que essas perguntas

ajudavam a jovem a entender o mundo dela, o seu lugar nele. Através da geografia, Teosene aprendia a enxergar o mundo com os olhos de um viajante curioso, sempre disposta a aprender, maravilhar-se com as maravilhas da natureza e compreender a complexidade das sociedades que habitavam o planeta.

Em uma doce manhã de verão de 1929, onde o sol brilhava na montanha, Teosene, ansiosa pelo novo ano em seu amado espaço, avistou ao chegar aos portões antigos da escola o carro do governo. Seu querido professor e guia em suas aventuras estava preso, e a escola sofria intervenção do Estado Fascista Italiano. Mesmo desolada, Teosene foi encontrar seus colegas em aula e conhecer seu novo professor. O senhor Wilhelm era um velho professor aliado aos interesses do governo. "Jovens, em que parte o antigo professor de vocês parou no ano passado?", perguntou o velho professor. "Lembro-me que aprendemos sobre a dança das estações e sobre relevo, que transformavam montanhas e vales em histórias fascinantes", respondeu a doce Teosene. "Que bobagem! A partir de hoje, vamos aprender geografia de verdade, e não a criar poemas sem sentido", rebateu o senhor Wilhelm.

Em todas as aulas, a jovem levantava suas perguntas rotineiras: "Professor, por que no Brasil há tantas árvores e aqui não há nenhuma?" questionava a menina. "Teosene, concentre-se no conteúdo de hoje, não se distraia com suas fantasias que nada acrescentam", retrucava o professor. Teosene via e sentia a mudança; aquele espaço que costumava ser seu refúgio para pensar agora se tornara seu purgatório, sem chance de escapar e voar pelo mundo.

Mesmo depois de muito tempo, quando a jovem fechava os olhos, ainda conseguia sentir o cheiro daquele giz colorido e ouvir a voz do professor que a ensinou que, por mais distante que um lugar possa parecer, ele está mais perto do que imaginamos. Bastava abrir um atlas ou fechar os olhos e deixar a imaginação nos levar.